

Unidades fraseológicas religiosas no léxico de Ouro Preto (MG)

Ana Luiza Barreto Lisboa*

Soélis Teixeira do Prado Mendes**

Resumo

Este artigo traz à discussão dados que fazem parte da dissertação de mestrado, intitulada “A preservação da memória através do léxico: análise de unidades fraseológicas na cidade de Ouro Preto (MG)”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Ouro Preto (MG). O presente estudo delimita sua análise nas categorias de parêmsias e expressões idiomáticas, explorando três unidades fraseológicas relacionadas à temática religiosa da cidade de Ouro Preto (MG), são elas: “o conto do vigário”, “santo do pau oco” e “devagar com o andor que o santo é de barro”. Nosso objetivo é evidenciar como a memória coletiva é preservada e transmitida por meio do léxico, proporcionando uma compreensão mais profunda da história e da identidade cultural e religiosa de Ouro Preto. Nossa metodologia consiste na análise detalhada desses três fraseologismos, considerando as narrativas orais coletadas durante a pesquisa de mestrado, em seguida procedemos à consulta de dicionários e obras fraseológicas, publicados em diferentes períodos, a fim de verificarmos (i) as definições que tais obras atribuem a essas unidades fraseológicas e (ii) a possível origem delas. Logo depois, foi feito um cotejo entre os relatos orais e as definições

* Professora de Língua Portuguesa do Colégio Providência. Mestra em Letras: estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-6148-4967>.

** Professora do Departamento de Letras, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutora e mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3792-4974>.

institucionalizadas. Como conclusão, constatamos que as narrativas orais adicionam camadas de significado à rica tapeçaria de narrativas que compõem a memória dos falantes, tornando-a multifacetada.

Palavras-chave: expressões idiomáticas; fraseologia; parêmias; religiosidade.

The preservation of memory through the lexicon: an analysis of phraseological units on the town of Ouro Preto (MG)

Abstract

This paper discusses data that are part of a Master's thesis, entitled "The preservation of memory through the lexicon: an analysis of phraseological units in the town of Ouro Preto (MG)", defended in the Language Studies Graduate Program at the Federal University of Ouro Preto. The study delimits its analysis in the categories of *parêmias* and idiomatic expressions by exploring three phraseological units (PH) related to the religious thematic of the Ouro Preto town (Minas Gerais), namely: "o conto do vicário" (a con trick), "santo do pau oco" (a goody-goody), and "devagar com o andor que o santo é de barro" (taking things slowly). The objective was to verify whether the linguistic memory of the Ouro Preto community, through the lexicon, is intrinsically related to the religious and cultural memory of the town. As for the methodology, Tourist Guides from the town, who attribute the origin of these three units to the colonial period, were interviewed; after transcribing the interviews, the PHs were identified, then consultations to dictionaries and phraseological works, published in different periods, were made, in order to verify (i) the definitions that such works attribute to these PHs and (ii) their possible

origin. Afterwards, a comparison between oral reports and institutionalized definitions was made. In conclusion, we found that oral narratives add layers of meaning to the rich tapestry of narratives that compose the speakers' memory, making it multifaceted.

Keywords: idiomatic expressions; phraseology; paremias; religiosity.

Recebido em: 24/03/2024 / Aceito em: 28/05/2024

1 Introdução

Segundo Marques (2018), os fraseologismos desempenham o papel de guardiões naturais das crenças, tradições e símbolos de uma comunidade. Além disso, é por meio do léxico que são expressas as práticas sociais, religiosas e as experiências culturais compartilhadas linguisticamente pela sociedade. A língua reflete a sociedade que a utiliza, e é no âmbito lexical que se manifestam os fenômenos históricos e socioculturais de uma comunidade. Conforme destacado por Marques (2018), o estudo do léxico, considerado como depositário da memória compartilhada, implica também a investigação da história, dos costumes, dos valores e das crenças de uma comunidade. Dessa forma, ao analisarmos as Unidades Fraseológicas (doravante UFs) relacionadas à temática religiosa de Ouro Preto, estamos, na verdade, desvendando aspectos fundamentais da identidade e da cultura dessa comunidade histórica.

Este artigo é parte constituinte do estudo realizado na dissertação de mestrado intitulada “A preservação da memória através do léxico: análise de unidades fraseológicas na cidade de Ouro Preto (MG)”, defendida no programa de Pós-graduação em Letras Estudos da Linguagem (POSLETRAS) da Universidade Federal de Ouro Preto. Para a realização dessa pesquisa, partiu-se de dados coletados de 20 guias de turismo de Ouro Preto. A opção pela entrevista com esses profissionais se deu em virtude de eles, durante as explicações dadas aos turistas, justificarem o surgimento das 17 UFs analisadas como consequência do ciclo do ouro, no século XVIII, em Vila Rica (atual Ouro Preto). Por isso propusemos a referida pesquisa, isto é, a fim de verificarmos, dentre outras questões, se, de fato, o surgimento das UFs se deu no período histórico mencionado.

Mas, para este artigo, nosso foco de análise recai sobre duas expressões idiomáticas e uma parêmia que estão relacionadas à temática religiosa de Ouro Preto, são elas: “*o conto do vigário*”, “*santo do pau oco*” e “*devagar com o andor que o santo é de barro*” que fazem parte do *corpus* da referida dissertação. Nossa metodologia, para os limites deste texto, consiste na análise detalhada desses três fraseologismos, considerando as narrativas orais de guias turísticos da cidade de Ouro Preto, coletadas durante a pesquisa de mestrado¹. Muitos desses profissionais, conforme mencionado, creditam o surgimento de determinados fraseologismos ao ciclo do ouro mineiro. Em outras palavras, a motivação para o surgimento de alguns fraseologismos está, na visão dos guias, sempre relacionada ao passado ouro-pretano. Por isso, optamos por discutir aqui as UFs que possuem esse perfil e que tenham relação com a religiosidade da população de Ouro Preto. Além disso, esse município é um dos destinos turísticos mais procurados do Brasil, oferecendo oportunidades a diversos profissionais que trabalham na área do turismo, destacando-se os guias de turismo que contribuem fortemente para a preservação histórica local. Como última etapa metodológica, realizaremos consultas em dicionários e obras fraseológicas, publicados em diferentes períodos, a fim de identificarmos e compararmos as definições, contextualizações e as possíveis mudanças ou variações linguísticas encontradas nas três UFs analisadas. O objetivo deste artigo, então, é evidenciar como a memória coletiva é preservada e transmitida por meio do léxico, proporcionando uma compreensão mais profunda da história e da identidade cultural e religiosa de Ouro Preto. Em outras palavras, nossa análise se concentra em como essas unidades fraseológicas são preservadas e transmitidas.

¹ A realização da pesquisa foi aprovada pelo CEP da Universidade Federal de Ouro Preto, o qual emitiu o parecer de nº 5.422.772.

2 Referencial teórico

Para Certeau (2011), a Fraseologia, área de estudo da Ciência do Léxico, pode ser considerada como um elemento da cultura popular e está situada na “arte do dizer”. O autor acentuou que, nessa “arte”, existem “enunciados” que são importantes para a história de um lugar e que podem formar *corpus* próprio capaz de render inúmeros estudos. A Fraseologia tem como objeto de estudo as combinações fixas ou expressões não livres da língua. Pode-se dizer que esses enunciados ou combinações são produtos da relação entre léxico e cultura (Marques, 2018), além de serem considerados armazenadores históricos e socioculturais da sociedade.

Convém elucidar as noções das expressões linguísticas: livres e não livres. A primeira refere-se às expressões livres da língua que podem ser construídas pelo locutor de maneira natural, isto é, cada elemento constituinte da expressão é selecionado separadamente, não havendo, então, prejuízo ao valor semântico final; ou seja, “a escolha de um elemento particular não depende da escolha de nenhum outro” (Polguère, 2018, p. 63). Já as expressões não livres são sintagmas congelados da língua que não podem ser separados ou substituídos sem que haja prejuízo do todo semântico; portanto, são unidades lexicais rigidamente interligadas e sua alteração comprometerá o valor semântico final. Para elucidar, tomemos a expressão “dor de cabeça” em “carro velho dá muita dor de cabeça”, ou seja, carro velho traz muitos problemas para seu proprietário. Entre os elementos desta expressão “dor de cabeça” não é possível inserir-lhe nenhuma unidade lexical e permanecer o sentido de “problema”; senão vejamos: “carro velho dá muita dor forte de cabeça” a inserção

do adjetivo “forte” entre “dor” e “de cabeça” faz perder o seu valor semântico de “problema”.

Neste estudo entendemos a Fraseologia² de uma língua como o conjunto de todas as expressões não livres usadas por uma determinada comunidade linguística. Assim, usaremos “unidades fraseológicas” (doravante UFs) para nos referir a esses sintagmas linguísticos congelados (= não livres). Para a noção de sintagma congelado, recorreremos ao domínio sintático, que o define como uma sequência conectada por relações sintáticas e usadas pelo locutor como sintagmas pré-construídos (Polguère, 2018).

A partir das definições de Certeau (2011), Polguère (2018) e Marques (2018), compreendemos que as UFs são reflexos dinâmicos das interações entre linguagem e cultura, armazenando aspectos históricos e socioculturais da sociedade.

Para uma análise mais aprofundada das unidades fraseológicas, é fundamental categorizá-las e compreender suas características distintivas. Nesse sentido, Monteiro-Plantin (2014) assume uma classificação dicotômica, distinguindo as (a) *Unidades Prototípicas*, que se referem àquelas unidades que possuem todas as propriedades classificatórias, ou seja, polilexicalidade, fixação, frequência, convencionalidade e idiomatidade e as (b) *Unidades Periféricas* aquelas que podem apresentar uma ou outra propriedade das UFs³. Com base nessa classificação, assume-se, neste artigo, a classificação proposta, por Monteiro-Plantin (2014), conforme Quadro 1, que visa esclarecer os traços característicos de cada unidade analisada.

2 O lexema “Fraseologia” é constituído pelo morfema “frase”, que vem do latim *phrasis* e significa “expressão”, a vogal “-o” é típica do grego e se une a “-logia” que significa “ciência, estudo”.

3 Podem ser concebidas como semi-fraseológicas.

Quadro 1 - Categorias fraseológicas

Unidades Prototípicas	Unidades Periféricas
1. Parêmiias	1. Colocações
2. Expressões Idiomáticas	2. Estereótipos
3. Pragmatemas	3. Clichês
	4. Bordões
	5. Slogans

Fonte: dados da pesquisa.

Devido à limitação de espaço deste artigo, concentraremos nossa análise nas seguintes categorias: parêmiias e expressões idiomáticas, nas quais se enquadram as UFs analisadas no presente estudo. Dessa forma, as outras categorias de unidades fraseológicas não serão abordadas detalhadamente neste trabalho. No entanto, para aqueles interessados em explorar uma análise mais abrangente, sugerimos a consulta à dissertação intitulada *A preservação da memória através do léxico: análise de unidades fraseológicas na cidade de Ouro Preto (MG)*, cujos aspectos de cada categoria fraseológica são discutidos de maneira mais aprofundada.

As parêmiias ou sentenças proverbiais são consideradas, dentre as UFs, as categorias mais antigas, uma vez que aparecem em grande maioria na Bíblia, especialmente nos livros do Rei Salomão, em *Provérbios*, dentre outros. Elas também podem ser concebidas como provérbios, adágios, refrões, ditos, ditados, sentenças, frases feitas, máximas, citações, aforismos, wellerismos e dialogismos, conforme foi explicitado por Monteiro-Plantin (2014). Apesar de existirem pesquisadores que se dedicaram especialmente a essa área, fraseólogos também as estudam sob o ponto de vista lexical, área designada por Monteiro-Plantin (2014) como Fraseoparemiologia.

Com relação à principal propriedade dos provérbios, pode-se evidenciar a característica da “transmissão de uma lição, ensinamento ou conselho” (Monteiro-Plantin, 2014, p. 67). Como exemplo, a pesquisadora evidenciou o provérbio “Quem tem pressa, come cru”, que traz o ensinamento da paciência, portanto, de agir sem precipitação.

Outro ponto importante a ser analisado se refere à questão da interpretação do conteúdo, pois isso depende do conhecimento e das experiências que são compartilhadas entre os sujeitos. Além disso, destaca-se o caráter do ato comunicativo, uma vez que o uso do provérbio não atribui responsabilidade ao enunciador, já que ele não é o autor; ademais, cabe ao interlocutor decidir se acata ou não o ensinamento transmitido. Por último, outra característica importante está associada à atemporalidade, pois é possível que determinados provérbios tenham resistido ao tempo e às mudanças na língua, mantendo-se atualizados ou adaptados semanticamente ao longo do tempo.

Se as parêmiás são consideradas as mais antigas das UF's, as Expressões Idiomáticas (doravante, EIs) são as categorias mais pesquisadas, uma vez que existe uma série de estudos sobre o tema, como os trabalhos de Cláudia Maria Xatara (1998), Maria Luisa Ortíz-Alvarez (2000), dentre outros.

Segundo Xatara (1998, p. 18), uma EI é definida como “[...] uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Essa mesma proposição também foi observada por Zavaglia (2008), de acordo com quem as partes de uma EI não podem ser separadas: “[...] suas partes combinatórias não podem ser desmembradas em unidades singulares de sentido. Ao contrário, o significado deve ser depreendido a partir da totalidade da unidade frasal que terá um

sentido próprio e peculiar” (Zavaglia, 2008, p. 29).

Ao cotejar as EIs com as parênteses, percebe-se que a questão da independência do contexto é menos relevante em relação às expressões, uma vez que as parênteses são operadas em frases e podem se adequar ao contexto, enquanto as expressões são condicionadas às inferências ou saberes intertextuais. Dessa forma, no que concerne às características para delimitação das EIs, pode-se destacar a fixação e a não composicionalidade semântica que, segundo Monteiro-Plantin (2014), podem ser consideradas sinônimas de idiomatidade.

3 Cultura barroca e identidade religiosa — a paisagem sacra de Ouro Preto (MG)

Entre as inúmeras formas de representação do domínio português, a cultura barroca, gerada no contexto da Contrarreforma da Igreja Católica, suscitaria em Ouro Preto inúmeras maneiras de experimentação dessa cultura com propósitos ideológicos. Por isso, salientaremos, nos próximos parágrafos, como essa forma de expressão cultural, artística e religiosa se espalhou rapidamente durante o período colonial. Como evidência disso, os inúmeros templos religiosos atestam a fé e a piedade que estavam arraigadas na convicção dos primeiros habitantes de Vila Rica.

Atualmente, a cidade de Ouro Preto (MG) conta com mais de 20 templos católicos que, na época colonial, se apresentavam da seguinte forma: as capelas primitivas, as matrizes e as capelas das irmandades. As capelas eram geralmente organizadas em um ou em dois cômodos, constituídas de presbitério com retábulo do santo de devoção, nave e sacristia. É interessante salientar que

a escolha dos santos padroeiros dos templos ocorria de acordo com aqueles de maior popularidade em Portugal no final da Idade Média. Destaca-se, aqui, a Capela de São João Batista do Morro do Ouro Fino (anterior a 1743)⁴ (FIG.1), que fora erguida no antigo Arraial do Ouro Podre, atual bairro Morro São João. Trata-se de uma capela simples construída com canga; além disso, é apontada, em diversos estudos, como uma das capelas mais antigas de Minas Gerais, uma vez que foi nela que o padre bandeirante, João de Faria Fialho, teria celebrado a primeira missa, em 24 de junho de 1698 (Menezes, 1975, p. 12-13).

Figura 1 - Capela de São João Batista do Morro do Ouro Fino em Ouro Preto e imagem de São João Menino do século XVIII



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Uma vez instituídas as vilas coloniais, as igrejas matrizes começaram a ser edificadas. É interessante registrar que as celebrações de batizados, casamentos e enterros ocorriam

⁴ “Foi construída antes de 1743, uma vez que a escritura de constituição do patrimônio que o minerador Padre Gabriel Mascarenhas fez para a referida capela, data de 17 de julho daquele ano. Diante da falta de documentação, sabe-se somente que, em 1761, foram reedificadas as paredes da sacristia, por ordem do Padre Visitador José dos Santos.” Disponível em: emipatrimônio.org. Acesso em: 14 set. 2023.

somente nas matrizes. Em Ouro Preto, coincidentemente, as duas matrizes possuem títulos que homenageiam a Virgem Maria, são eles: Nossa Senhora do Pilar e Nossa Senhora da Conceição, cujas datas de construção das igrejas primitivas são imprecisas. Conforme Menezes (1975, p. 19)⁵, a Freguesia do Pilar é anterior a 1712 e a Freguesia da Conceição, anterior a 1709⁶.

O lugar que era elevado à categoria de vila adquiria certa “autonomia” político-administrativa, recebendo a construção de uma casa de câmara, cadeia, pelourinho e de uma matriz, representação do poder religioso. Portanto, o desenvolvimento urbano e administrativo da futura Vila Rica podia ser percebido também por meio das construções religiosas. Cabe mencionar que, dentre as principais vilas históricas do período colonial, Vila Rica destaca-se como a única que abrigava duas matrizes em seu território. Assim, ao ser elevada à categoria de vila em 1711, os Arraiais do Ouro Preto de Nossa Senhora do Pilar e de Antônio Dias de Nossa Senhora da Conceição tiveram suas igrejas promovidas à categoria de matrizes, já que esses dois núcleos distinguiram-se dos outros arraiais na evolução urbana da época; isto é, cresceram vertiginosamente às margens dos rios e pelas encostas dos morros.

As irmandades e ordens terceiras tiveram participação expressiva no cotidiano dos habitantes de Vila Rica. No século XVIII, elas entronizavam seus santos de devoção nos altares laterais das matrizes e, com o passar do tempo, conseguiam independência financeira para fomentarem suas próprias capelas.

5 “[...] segundo se vê da Carta Régia de 26 de abril endereçada ao Governador da Capitania sobre a representação que o Monarca dirigira ao Bispo do Rio de Janeiro, pedindo cônica para os párocos e auxílio para as fábricas das igrejas, havia já mais de 20 paróquias na Capitania de Minas Gerais. Só em 16 de fevereiro de 1724, porém, foram as duas freguesias desta cidade erigidas em paróquias coladas juntamente com 18 outras por Carta Régia endereçada a D. Lourenço de Almeida.” (Menezes, 1975, p. 19).

6 Foi possível constatar essa datação, porque os primeiros documentos de batismo encontrados nas duas matrizes estão registrados nesses períodos.

É interessante ressaltar que a intensa atividade aurífera na Vila também propiciava que os sentimentos de cobiça, vaidade e avareza aflorassem. Assim, a participação das irmandades e das ordens terceiras na sociedade de Vila Rica extrapolava o sentido estritamente religioso, uma vez que elas desempenhavam certa rivalidade, estabelecendo uma espécie de disputa entre as duas freguesias, as quais eram apelidadas de Jacubas (moradores do Arraial de Antônio Dias) e de Mocotós (moradores do Arraial do Ouro Preto). Dessa forma, esses conflitos, por vezes, levavam as irmandades a erguerem seus templos próprios, conforme salientado por Bohrer (2011, p. 24) “[...] às vezes desavenças ocorriam que culminavam com o pretexto de irmandades construírem capelas próprias para si. Casos como estes se multiplicaram”. Nesse contexto, os dois principais núcleos da região⁷, Jacubas e Mocotós, possuíam suas próprias matrizes (Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Pilar), bem como suas irmandades compostas por negros (ambas dedicadas à Nossa Senhora do Rosário), além das Ordens Terceiras constituídas pela elite colonial (Franciscanos e Carmelitas) e, por último, as Ordens Terceiras dos Pardos (Mercês de Baixo e Mercês de Cima). Dessa forma, a construção de cada templo religioso materializava a rivalidade entre os dois arraiais.

Enfim, todos os aspectos tradicionais da religiosidade de Ouro Preto são mantidos até hoje para que não se percam sua funcionalidade espiritual e litúrgica, mas também para preservação da memória setecentista. Registra-se que a tradição religiosa da cidade extrapola os limites do catolicismo, sendo uma forma significativa de representação da cultura, das crenças,

⁷ “Dois arraiais se distinguiram fora das montanhas: o Arraial de Nossa Senhora do Pilar e o Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias [...] tiveram atuação preponderante na evolução urbana do núcleo maior que então se desenhava” (Bohrer, 2011, p. 22).

dos valores e das formas como o ouro-pretano vê e representa sua existência. Assim, é também no seio do catolicismo que a memória colonial está salvaguardada.

4 Discussão dos dados

Nesta seção, vamos discutir três unidades fraseológicas que estão relacionadas à temática religiosa da cidade de Ouro Preto – MG são elas: “*o conto do vigário*”; “*santo do pau oco*” e “*devagar com o andor que o santo é de barro*”.

A referida pesquisa, de abordagem qualitativa, se propôs a explicar como o uso de UFs contribui para a (re)construção da memória coletiva e para a preservação do patrimônio imaterial linguístico. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionário semiestruturado aos guias de turismo da cidade de Ouro Preto (MG), resultando na identificação de 17 unidades fraseológicas que, segundo os próprios entrevistados, surgiram no passado colonial ouro-pretano. Procuramos também justificar as possíveis interferências históricas quanto ao uso de fraseologismos pelos profissionais que participaram desta pesquisa; para isso foram selecionados dicionários e obras fraseológicas a fim de verificarmos se tais UFs estavam ou não registradas em determinados períodos. A seleção dessas obras abrangeu um amplo espectro temporal, desde obras do século XVII até obras do século XXI. Essa abordagem permitiu investigar se certos fraseologismos já estavam em uso antes do descobrimento de Vila Rica (1698), e se, consequentemente, eram expressões já estabelecidas em Portugal e posteriormente adotadas no Brasil; ou se surgiram como resultado do desenvolvimento linguístico brasileiro.

A seguir apresentaremos aquelas UFs que possuem apelo religioso, dando-lhes explicações históricas para seu possível surgimento.

4.1 *O conto do vigário*

Na dissertação anteriormente mencionada, a expressão idiomática *o conto do vigário* foi explorada à luz dos relatos obtidos por meio do resgate memorialístico oral dos guias de turismo entrevistados na pesquisa. Esses profissionais destacaram que essa expressão está associada à história popular que envolve disputas relacionadas à imagem sacra de Nosso Senhor dos Passos⁸, em Ouro Preto (MG).

Os participantes relataram que, diante da chegada dessa imagem em Vila Rica (FIG. 2), surgiu o impasse relativo a qual igreja abrigaria a referida imagem: a Matriz do Pilar ou a Matriz do Antônio Dias. O método proposto para resolver a questão envolveu um burro que carregava a imagem em seu lombo e, ao ser solto na praça central, dirigiu-se à Matriz do Pilar, determinando, assim, o destino da imagem. No entanto, suspeitou-se de manipulação quando descobriram que o burro pertencia ao vigário da Matriz do Pilar. Essa explicação, folclórica ou não, também faz parte do senso coletivo da população da cidade, conforme Mineiro (2021).

⁸ Nosso Senhor dos Passos ou Senhor dos Passos é uma invocação católica de Jesus, que rememora o trajeto doloroso que Cristo percorreu desde sua condenação até a morte de cruz.

Figura 2 - Imagem do Senhor dos Passos na procissão do encontro: Semana Santa em Ouro Preto (MG)



Fonte: acervo pessoal, 2016.

Durante os séculos XVIII e XIX, conforme Menezes (1975), diante da proibição de se constituírem ordens religiosas nas Minas, as Irmandades e Ordens Terceiras tiveram participação expressiva e de maior abrangência no cotidiano dos habitantes de Vila Rica, o que marcou a vida religiosa dos moradores dessa Vila. A princípio, essas Irmandades entronizaram seus santos de devoção nos altares laterais das matrizes e, com o passar do tempo, algumas conseguiram independência financeira para construir suas próprias capelas.

A irmandade dos Passos da Freguesia de Nossa Senhora do Pilar é exemplo dessa contextualização. Segundo Menezes (1975, p. 80), essa irmandade foi estabelecida em 20 de maio de 1715, no altar lateral direito próximo ao arco do cruzeiro da Matriz Nossa Senhora do Pilar. Posteriormente, na segunda metade do século XVIII, a irmandade dos Passos realizou investimentos na

construção dos Passinhos⁹ ao longo das ruas de Vila Rica para celebrações da Semana Santa. Embora não tenhamos localizado registros detalhados sobre a proveniência da imagem do Senhor dos Passos, Menezes menciona que, em 1731, devido às obras na Matriz do Pilar, diversos santos foram transladados para a Igreja do Rosário, exceto a imagem do Senhor dos Passos. Assim, tem-se esse registro que, desde 1731, a imagem do Senhor dos Passos está entronizada definitivamente no altar lateral da Matriz do Pilar, com um curto período de estadia na Capela de São José:

A 4 de janeiro de 1731, o Revmo. Vigário Francisco da Silva e Almeida enviou a D. Antônio de Guadalupe uma petição de licença para transladar, em procissão, para a Capela do Rosário, o SS. Sacramento e todas as imagens, menos a de Nosso Senhor dos Passos, que iria para a Capela de São José (Menezes, 1975, p. 58).

Bohrer (2011, p. 24) apontou para o fato de que a intensa atividade de mineração em Vila Rica pode ter potencializado sentimentos de cobiça, vaidade e avareza. Dessa maneira, as Irmandades e Ordens Terceiras, inseridas nesse cenário, extrapolavam o seu sentido religioso e desempenhavam certa rivalidade. Essa competição entre freguesias deu origem à rivalidade entre os Jacubas (Arraial de Antônio Dias) e os Mocotós (Arraial do Ouro Preto), cada qual com suas respectivas matrizes, os Jacubas com a Matriz da Conceição e os Mocotós com a Matriz do Pilar. Essa peculiaridade de Vila Rica, a de possuir duas igrejas matrizes, é refletida até hoje nas celebrações alternadas da Semana Santa: nos anos pares, é organizada pela Paróquia Nossa Senhora do Pilar e, nos anos ímpares, pela

⁹ Os passinhos, pequenas capelas associadas à Semana Santa, são posicionadas em pontos estratégicos do percurso da procissão. Elas abrigam em seu interior imagens ou quadros que retratam as etapas (os “passos”) da Paixão de Cristo. Segundo o IPHAN, em 1717, a Procissão dos Passos já era realizada em Vila Rica, entretanto, os primeiros Passinhos eram estruturas temporárias. Tempos depois, surgiu a proposta de edificação dos Passinhos definitivos, construções que iniciaram em 1728.

Paróquia Nossa Senhora da Conceição. No contexto em questão, credita-se o surgimento da expressão - *o conto do vigário* - às tensões e rivalidades sociais em Vila Rica.

Paralelamente, há mais de 250 anos, em Florianópolis (SC), também acontece a tradicional Procissão do Senhor dos Passos, uma celebração reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo IPHAN. A tradição oral narra uma história semelhante à de Ouro Preto, segundo a qual, em 1764, uma embarcação que transportava a imagem do Senhor dos Passos, originalmente destinada ao Rio Grande, enfrentou obstáculos que a impediram de prosseguir sua rota. Após tentativas, o capitão, acreditando ser divina, decidiu deixar a imagem em Vila de Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis (SC).

É notável a semelhança entre as narrativas de Ouro Preto (MG) e de Florianópolis (SC) no que tange ao mistério entorno das imagens do Senhor dos Passos e seus destinos incertos. Vários antropólogos têm se dedicado ao estudo dos mitos e salientam que algumas narrativas apresentam enredos semelhantes, e isso acontece devido à natureza dinâmica dos mitos e de suas estruturas padronizadas. Essas composições em comum dos enredos conectam histórias, mesmo quando são contadas por grupos culturalmente distintos. Dominiciano (2014) registrou que

Os mitos se transformam a partir de outros mitos (dados estruturais) e de eventos históricos (dados contingentes), mas, essencialmente, se transformam em uma dada direção da qual nada podemos dizer *a priori*, mas que podemos explicitar sua estrutura num segundo tempo (Dominiciano, 2014, p. 169)¹⁰.

¹⁰ Segundo Dominiciano (2014, p. 16), mitos são narrativas fantasiosas e sem rigor científico.

Nessa perspectiva, ao investigarmos um mito, inevitavelmente somos conduzidos a outros mitos. Por meio dessa análise, Dominiciano (2014) sugeriu que existem lógicas universais que determinam como o ser humano cria e recria um mito, fazendo com que diferentes culturas desenvolvam narrativas análogas.

A expressão sob análise também foi localizada em dicionário e em obras fraseológicas consultadas, ambas do século XX. As definições da UF nessas obras convergem para a ideia de situação enganosa, ou seja, quem cai no *conto do vigário* foi trapaceado.

Freire (1939) e Nascentes (1945) forneceram descrições semelhantes acerca da UF, definindo-a como esquema de furto, no qual o ladrão engana a vítima, contando uma história que envolve abundância de dinheiro. A expressão é descrita associada a “*logro*” que significa engano ou trapaça. Manuel Viotti (1945) reforçou essa ideia, mencionando que o *conto do vigário* é bastante vulgar e que, por isso, dispensa explicação, por fim também sugeriu que é uma UF associada à atividade criminosa.

Urbano (2018), por sua vez, apresenta uma explicação semelhante à dos autores de dicionários e obras fraseológicas mencionadas anteriormente. No entanto, ele fornece mais detalhes, incluindo uma narrativa histórica ocorrida em Ouro Preto. O autor descreve “[...] quando os espanhóis doaram à cidade mineira de Ouro Preto uma imagem de Nosso Senhor dos Passos, surgiu uma disputa entre os vigários de duas igrejas [...]” (Urbano, 2018, p.366).

Como complemento, é relevante notar que dicionários portugueses, inclusive na *Enciclopédia Luso-Brasileira* (s/d) citada por Urbano (2018), sugerem que o fenômeno é brasileiro,

possivelmente com disseminação posterior em Portugal. O verbete “vigário” é classificado como “brasileirismo”, com o sentido de espertalhão, finório. Já no *Dicionário Contrastivo Luso-Brasileiro* (1989), “vigário” é associado a “vigarista” no Brasil e a “achacador, burlão” em Portugal. Urbano (2018) finaliza conduzindo uma discussão sobre a lexia “vigário” inserida no contexto da UF, mencionando que sua associação com a figura do sacerdote pode ser fruto de uma etimologia popular, uma vez que não é respaldada por documentos. Talvez a expressão idiomática esteja, então, vinculada à lexia “vigarista”, o que lança dúvidas sobre a narrativa contada que envolva um padre.

Em síntese, todas as explicações e os sentidos atribuídos à UF em análise, sejam obtidos nas entrevistas orais, seja em obras consultadas, convergem para a ideia de engano e manipulação, sendo frequentemente associada à figura de um religioso. Sendo assim, os relatos orais extraídos das entrevistas feitas com os guias de turismo de Ouro Preto ressoam e complementam, de certa maneira, as descrições encontradas nas obras consultadas. Verificamos que a UF sob análise faz parte do repertório linguístico desses profissionais, mas também integra um espectro mais amplo da comunidade linguística, uma vez que a expressão foi formalmente documentada nas obras consultadas, além disso, observamos que expressão é comumente encontrada em várias regiões do país, incluindo a esfera religiosa de Florianópolis, assim como de Ouro Preto.

Ao analisarmos a expressão idiomática *conto do vigário*, com base nas entrevistas, percebemos que sua contextualização está intrinsecamente ligada às tensões sociais e religiosas de Vila Rica. Embora não tenham sido identificadas referências

formais dessa UF que façam menção ao contexto de Ouro Preto, é possível que sua difusão tenha se originado da tradição oral da cidade e, posteriormente, se espalhado para diferentes culturas do Brasil, propiciando novas narrativas. Nesse sentido, não se descarta que essa UF, que descreve situação enganosa, reflita as dinâmicas competitivas de disputas religiosas da época colonial de Vila Rica.

Sobretudo, é importante salientar que nosso objetivo neste artigo não é estabelecer onde e quando surgiu a expressão, mas evidenciar como essa UF é preservada e transmitida na memória coletiva (representada pelo léxico dos guias de turismo ouro-pretanos neste estudo), proporcionando uma compreensão mais profunda da história e da identidade cultural e religiosa de Ouro Preto.

4.2 *Santo do pau oco*

Outra unidade fraseológica associada à temática religiosa da cidade de Ouro Preto é a expressão idiomática *santo do pau oco*, que também pode ser percebida em sua variante lexical no diminutivo *santinho do pau oco*.

No que tange aos relatos orais obtidos sobre a expressão idiomática *santo do pau oco*, destacamos que todas as explicações fornecidas pelos participantes fazem referência à origem dessa UF no período colonial de Ouro Preto. Segundo eles, nesse período, imagens sacras eram usadas como mecanismos de contrabando de ouro e sonegação de impostos, uma vez que abrigavam o mineral em seu interior oco para escapar da fiscalização.

Segundo Bueno (2022), esculturas de grandes dimensões feitas em madeira são frequentemente ocas¹¹ para garantir

¹¹ "Esculturas em madeira podem ser maciças ou ocas. O processo de ocar imagens em madeira é muito usual em peças de grandes

sua estabilidade e prevenir danos, como rachadura, causados pela expansão e contração da madeira devido à sua natureza higroscópica. O interior oco também torna a peça mais leve, facilitando o seu transporte em procissões (FIG. 3). Conforme Coelho e Quites (2014) explicam, troncos espessos tendem a rachar, razão pela qual são esculpidos de forma oca e fechados com uma tampa,

As esculturas muito grandes quase sempre são ocas no interior, pois um tronco muito grande e espesso tem tendência a apresentar rachaduras. Portanto, são ocadas, e no verso da imagem é colocada uma tampa. [...] A escultura de grande dimensão oca fica também mais leve e, portanto, mais fácil de ser transportada em procissões (Coelho e Quites, 2014, p. 136-137).

Figura 3 - São Jorge de autoria de Aleijadinho com interior oco, madeira dourada e policromada esculpida entre 1797 e 1803, encomendado pela câmara de Vila Rica para procissão de *Corpus Christi*



Fonte: Museu da Inconfidência de Ouro Preto Acervo pessoal, 2023.

dimensões objetivando a estabilidade de seu suporte. Ressaltou-se anteriormente que a madeira é um material higroscópico, isto significa que em função da sua propriedade porosa tem grande capacidade de perder e absorver água do ambiente, de acordo com a umidade relativa. Tal comportamento do material pressupõe alterações em seu volume que, como também já foi mencionado no presente trabalho, pode lhe causar danos físicos” (Bueno, 2022, p. 64).

Também podemos encontrar o registro da expressão idiomática em dicionários e obras fraseológicas. Em todas essas ocorrências, os sentidos convergem para a concepção da dissimulação e hipocrisia, sendo associado a pessoas de comportamento falso.

Laudelino Freire (1939) e Manuel Viotti (1945) apontaram o sentido da UF para a ideia de fingimento. Por outro lado, os lexicógrafos Nascentes (1945), Cascudo (1977) e Urbano (2018) ampliaram essa noção de dissimulação, introduzindo possíveis registros históricos que teriam dado origem à expressão. Os lexicógrafos mencionados fizeram alusão ao trabalho do professor do Museu Histórico Nacional, Meneses de Oliva, autor de *A santa do pau oco e outras histórias* (1957), já que, naquela obra, Oliva propôs que imagens ocas eram “levadas e trazidas de Portugal” (Cascudo, 1977, p. 110) recheadas de ouro.

Nascentes (1945) também fez menção ao *Vocabulário Pernambucano* (1976) de Francisco Augusto Pereira da Costa, que destacou a imagem de São Vilibaldo, sugerindo que a expressão poderia estar relacionada a esse santo apresentado na “procissão de cinza”. Esta observação pode indicar que a expressão *santo do pau oco* é comumente encontrada em várias regiões do país, incluindo a esfera religiosa de Pernambuco, assim como de Ouro Preto.

Nascentes (1945) também salientou a similaridade da UF brasileira, *santo do pau oco*, com a UF portuguesa, *santo de pau carunchoso*, ambas apontando para uma ideia de falsidade. A expressão portuguesa está dicionarizada na obra *História Geral dos Adágios Portugueses* (1924), de Ladislau Batalha.

No dicionário de Magalhães Júnior (1977), a expressão *santa do pau oco* é mencionada em contexto literário, na

comédia *Quem casa quer casa*, escrita por Martins Pena, em 1845. Na cena XV, a personagem Paulina se dirige a Olaia de forma irônica e repreensiva, dizendo: “Deixa estar, minha santinha-de-pau-oco, que te hei de dar educação, já que tua mãe não te deu [...]” (Pena, 1845, p. 22). Dessa forma, a personagem Paulina faz uma crítica a Olaia, insinuando que, assim como uma “santinha-de-pau-oco”, a moça pode ostentar uma aparência de decência, mas carece de educação. Esse uso sugere que a expressão idiomática *santo do pau oco* já estava consolidada no léxico popular em 1845, ano de publicação da peça. Sob essa perspectiva, aventamos a hipótese de que a expressão *santo do pau oco* teria origem portuguesa e não necessariamente teria surgido dos contextos de contrabando e roubo de ouro em cidades brasileiras. Entretanto, salientam-se como as explicações refletem a capacidade de adaptação da língua conforme as necessidades culturais e sociais de uma população.

Urbano (2018) relata que durante os séculos XVII e XVIII, havia contrabando de ouro em pó, pedras preciosas e moedas falsas no Brasil no interior oco de imagens de madeira, que eram levadas e trazidas de Portugal, para esconder os materiais contrabandeados. Ele acrescenta, com certo tom de ironia: “por fora, pureza religiosa; por dentro, a pecaminosa contravenção” (Urbano, 2018, p.474). Essa explicação se alinha com as informações fornecidas oralmente.

Considerando as informações técnicas sobre esculturas em madeira, percebemos que o processo de esculpir imagens ocas não tinha como propósito primordial a facilitação de atividades ilícitas. Essa prática de ocar imagens é fundamentada em razões práticas e técnicas, uma vez que a natureza higroscópica

da madeira a fazia expandir e contrair conforme variações de temperatura, tornando a técnica essencial para preservar a integridade da peça sacra.

Por outro lado, não se pode descartar que algumas dessas imagens ocas podem ter sido usadas como ferramentas para práticas ilegais como o contrabando de ouro, uma vez que, em Vila Rica, a expressiva ocorrência do contrabando e as consequentes perdas de receitas para a Coroa Portuguesa geraram muitas preocupações ao governo que, como contramedida, intensificou a fiscalização.

Ao analisarmos a expressão, com base nas entrevistas, percebemos que sua contextualização está intrinsecamente ligada às tensões sociais e religiosas de Vila Rica. Destacamos que as explicações refletem a capacidade de adaptação da língua conforme as necessidades culturais e sociais de uma população. Embora não consigamos afirmar categoricamente onde e quando a expressão tenha surgido, é possível que sua difusão tenha origem portuguesa e não necessariamente teria surgido dos contextos de contrabando e roubo de ouro em cidades brasileiras e, posteriormente, tenha se espalhado para diferentes culturas do Brasil, originando novas narrativas.

É importante salientar que nosso foco não recai em estabelecer uma origem específica da UF analisada, mas evidenciar como a memória coletiva da comunidade ouro-pretana, evidenciada pelos relatos dos guias de turismo, é continuamente preservada e transmitida por meio de relatos específicos, proporcionando uma compreensão mais profunda da história e da identidade cultural e religiosa de Ouro Preto.

4.3 *Devagar com o andor que o santo é de barro*

Nos relatos orais relacionados à parêmia *devagar com o andor que o santo é de barro* também podemos perceber uma recorrência temática vinculada à religiosidade de Ouro Preto. Conforme uma das narrativas, o aparente peso da imagem servia como metáfora para os pecados do portador, e, ao esvaziar o santo, possivelmente preenchido com ouro, sua massa diminuía, ilustrando o alívio do fiel após a absolvição de seus pecados. Esse mesmo contexto de surgimento da expressão é reafirmado em outra narrativa oral de um dos nossos participantes, a qual destaca a extensa jornada de Ouro Preto até o litoral e o aconselhamento do padre ao escravizado para manter a calma, atribuindo o peso da imagem aos pecados daqueles que a carregavam. Dessa forma, a origem do fraseologismo faz menção ao contexto de uma procissão religiosa, em que homens, carregando um santo em andor¹², moviam-se rapidamente, causando preocupação ao vigário. A expressão teria surgido como um apelo do padre para que os homens fossem mais cuidadosos, considerando a fragilidade do santo de barro.

Essas narrativas orais se alinham aos registros encontrados em dicionários fraseológicos do século XX, pois Nascentes (1945), Magalhães Júnior (1977) e Urbano (2018) corroboraram o contexto que enfatiza a necessidade de cautela e cuidado, especialmente ao se considerar a fragilidade do santo de barro.

Ao cotejarmos o resgate memorialístico oral com os registros encontrados nas obras fraseológicas, constatamos algumas distinções. Na obra de Magalhães Júnior (1977), a

12 Segundo o *Dicionário Aurélio*, “andor” também pode ser conhecido como “charola”, “é uma estrutura portátil e ornamentada, sobre a qual se conduzem imagens nas procissões” (Ferreira, 2009, p. 133).

parêmia é grafada sem a oração subordinada explicativa *que o santo é de barro*, em contraste com o que é observado na obra de Antenor Nascentes (1945; 1966) e na oralidade. Isso porque a parêmia é registrada e proferida na sua forma extensa: *devagar com o andor que o santo é de barro*. Essa sentença adicional pode ser interpretada como uma advertência, que reforça o alerta quanto à fragilidade e vulnerabilidade de algo que aparentemente é seguro. Nesse contexto, a inserção da subordinada *que o santo é de barro* traz uma explicação do motivo para a cautela.

Diante dessas observações, nossa hipótese é a de que a última parte da parêmia esteja gradualmente se desafixando na língua, já que em dicionários fraseológicos mais recentes, como o de Urbano (2018), a parêmia é registrada apenas em sua forma mais simplificada, “devagar com o andor”.

Podemos perceber que a parêmia *devagar com o andor que o santo é de barro* guarda estreita relação com os fraseologismos *conto do vigário* e *santo do pau oco*, pois essas expressões também fazem alusão ao uso de imagens sacras como estratégia de esperteza ou de aconselhamento. Nesse sentido, observamos que não são apenas os monumentos tangíveis da cidade de Ouro Preto que atestam a fervorosa religiosidade da comunidade ouro-pretana, mas também as UFIs, patrimônios imateriais, que refletem a profundidade e a permanência da fé no dia a dia das pessoas da cidade.

Conforme destacado por Menezes (1975), o processo de colonização brasileira transcendeu a mera dimensão econômica, abrangendo também a incorporação de práticas religiosas e culturais provenientes da Europa, essas práticas também atuavam como instrumentos para solidificação do domínio lusitano. Em Ouro Preto essa religiosidade ainda se manifesta

hoje, evidenciada pelas diversas festividades católicas que permeiam o cotidiano da cidade. Além disso, fraseologismos utilizados pelos guias de turismo, ao explicarem os monumentos e percursos turísticos de Ouro Preto, confirmam essa conexão com a religiosidade local.

Ao investigarmos a parêmia *devagar com o andor que o santo é de barro*, com base nas entrevistas realizadas, observamos que sua contextualização está intrinsecamente entrelaçada às questões religiosas e sociais de Vila Rica. Embora não tenhamos identificado em fontes formais essa UF especificamente associada ao contexto ouro-pretano, é possível que sua difusão tenha se originado a partir da tradição oral da cidade, expandindo-se para diferentes contextos culturais brasileiros, uma vez que só foram encontrados registros oficiais dessa UF em obras do século XX.

Sendo assim, os relatos orais não apenas ecoam, mas também complementam, de certa maneira, as descrições presentes nas obras consultadas do século XX. Embora não seja nosso objetivo afirmar a origem da expressão, foi possível destacar que a memória coletiva da comunidade ouro-pretana, evidenciada por meio dos relatos dos guias de turismo, é mantida e transmitida para diversas pessoas que tem contato com tais narrativas, contribuindo para uma compreensão mais profunda da história e da identidade cultural e religiosa da cidade.

5 Considerações finais

Diante das análises realizadas, procuramos estabelecer um elo entre a memória linguística e religiosidade em Ouro Preto, isso porque fizemos uma discussão sobre a tradicional religiosidade da cidade e como ela se manifesta por meio das UFs analisadas.

Constatamos, então, que a memória coletiva da comunidade ouro-pretana, evidenciada pelos relatos dos guias de turismo, é preservada e transmitida por meio do léxico, proporcionando uma compreensão mais profunda da história e da identidade cultural e religiosa de Ouro Preto. A metodologia adotada, que incluiu a análise das unidades fraseológicas, baseada em relatos orais e posterior consulta a dicionários e obras fraseológicas, nos revelou a estreita conexão entre esses elementos.

Vale, ainda, deixar registrado que as narrativas sobre o uso das UF sob análise, ao serem transmitidas oralmente, podem sofrer modificações e receber novos significados ao longo do tempo, refletindo, assim, a dinâmica cultural e social da comunidade. Para além disso, na maioria das vezes, a origem dessas UF se perdeu, mas elas se mantêm na memória linguística do falante, e, por isso, nossa análise se concentrou em verificar como essas unidades fraseológicas são preservadas e transmitidas, no caso específico via guias turísticos, e não em estabelecer uma origem específica.

Por outro lado, as interpretações populares adicionam camadas de significado à rica tapeçaria de narrativas que compõem a memória dos falantes, tornando-a multifacetada. Assim, os resultados a que este artigo chega destacam como o léxico é um testemunho vivo das experiências religiosas e históricas de uma comunidade, e como as UFs desempenham um papel fundamental na (re)construção da memória coletiva da cidade, preservando e transmitindo o passado e o seu patrimônio imaterial linguístico.

Referências

BOHRER, Alex F. *Ouro Preto um novo olhar*. Ouro Preto: Scortecci, 2011.

BUENO, Adriano de Souza. *Materialidade e imaterialidade no fazer escultórico em Minas Gerais na contemporaneidade*. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. v.1 – Artes do fazer. 17ª edição. Petrópolis: Vozes, 2011. COELHO, Beatriz; QUITES, Maria Regina Emery. *Estudo da escultura devocional em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

DOMICIANO, João Felipe Guimarães de Macedo Sales. *O mito e sua estrutura: contribuições da antropologia lévi-straussiana para a formalização da clínica psicanalítica*. 2014. (Dissertação mestrado em Psicologia - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. 4.ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 5 v. Rio de Janeiro: A Noite, 1939.

MARQUES, Elizabete Aparecida. Um olhar sobre a interrelação entre fraseologia, memória e cultura: foco sobre o português brasileiro. In: Aparecida Negri Isquerdo; Giselle Olivia Mantovanni Dal Corno (org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande/MS: UFMS, 2018, v.VIII, p.11-22.

MENEZES, Joaquim Furtado de. *Igrejas e irmandades de Ouro Preto*. Belo Horizonte: IEPHA, 1975.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado. *Combinações lexicais restritas em manuscritos setecentistas de dupla concepção*

discursiva: escrita e oral. Belo Horizonte: Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. (Tese de doutorado – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte).

MENDES, Soélis Teixeira do Prado; LEAL, Maria Auxiliadora da Fonseca. Jeitinho brasileiro - a expressão idiomática no português do Brasil: uma contribuição para o léxico da língua.. In: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. (org.). *O léxico em estudo*. BH: UFMG, 2006, v. único, p. 43-57.

MINEIRO, Fernanda Kelly. *Memória e Tradição*: um estudo toponímico dos bairros mais antigos de Ouro Preto-MG, 2021. (Dissertação de Mestrado em Letras Estudos da Linguagem - POSLETRAS, da Universidade Federal de Ouro Preto).

MONTEIRO-PLANTIN, Rosimeire Selma. *Fraseologia, era uma vez um patinho feio no ensino da língua materna*. v.1. Fortaleza: editora da Universidade Federal do Ceará, 2014.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Livraria Freitas Bastos S.A., 1945; 1966.

OLIVA, Menezes de. *A Santa do pau oco e outras histórias*. Rio de Janeiro: Laemert, 1957.

ORTÍZ-ALVAREZ, Maria Luiza. *Expressões Idiomáticas do Português do Brasil e do espanhol de Cuba*: estudo construtivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 2000.

OURO PRETO: Passo da Ponte Seca. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/ouro-preto-passo-da-ponte-seca/#!/map=38329&loc=-20.331267278232193,-43.490753173828125,11>. Acesso em: 20 ago. 2023.

PENA, Martins. *Quem casa, quer casa*. In: As Melhores Comédias de Martins Pena. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996 [1845].

PÔLGUERE, Alain. *Lexicologie et Sémantique Lexicale: Notions Fondamentales*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 2016. Tradução de Sabrina Pereira de abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

URBANO, Hudinilson. *Dicionário brasileiro de expressões idiomáticas e ditos populares: desatando nós*. 2018.

XATARA, Cláudia; PARREIRA, Maria Cristina. A elaboração de um dicionário fraseológico. In: ORTIZ, A. M. L.; UNTERNBAUMEN, E. H. (orgs.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes Editores, 2011.

XATARA, Cláudia Maria. *Tipologias das expressões idiomáticas*. São Paulo: Alfa, 1998.

ZAVAGLIA, Cláudia (org). *Coletânea Guia dos curiosos em espanhol, francês, inglês, italiano, latim: Xeretando a linguagem*, 2008.